



SERGIO TELLES

SÉRGIO TELLES — UM HOMEM QUE PINTA

O primeiro olhar para a pintura de Sérgio Telles será um momento de perplexidade entre a pupila e a pálpebra. Mas quando o olhar se abrir para a contemplação e se iluminar à mera visão, regido pelo puro olho — o olho que é a “coisa” do artista, a “cosa nostra” do pintor — verifica-se a futilidade das indagações menores: estaríamos diante de um “fauve”, de um descendente dos impressionistas franceses ou dos expressionistas alemães? É certo que as especulações sobre a árvore genealógica de Sérgio Telles poderiam passar por todos os momentos-chave da grande pintura européia, século XIX e XX, situando o pintor numa linguagem em que se encontrariam Monet e Cézanne, Gauguin e Van Gogh, Matisse e Renoir, talvez Rouault. De resto, aí dos artistas que não têm uma genealogia!

Sérgio Telles terá passado por esses e outros grandes momentos da pintura moderna, eventualmente situados ao longo da peregrinação dos seus olhos e de seus pincéis. Mas não se deteve em nenhum deles, para tornar-se ele mesmo, num momento vivo da pintura, construindo seu próprio texto pictórico. É, na verdade, um pintor brasileiro por excelência, e a cor, a forma e a atmosfera de sua visão brasileira abriram essa picada para o universal em que caminham seus pincéis. O observador leviano encontraria reminiscências do “Bal à Bougival” — para tomar um de seus quadros apenas — em seu “Le Bal au 14 Juillet”. Mas, na verdade, aquelas mulheres de branco que se movem sobre o fundo vermelho estão dançando mesmo é a boa “gafieira” do Rio de Janeiro, na mesma atmosfera barroca em que se mancham e se desmancham seus nus luxuriosos, as telas que apresentam seu atelier de Tóquio, sua visão dramática de Nagasaki, algumas passagens de Portugal, a passadeira de roupa, ou aquela obra-prima que é o recanto de sua biblioteca em Paris — um prodigioso episódio de cosmogonia, a ordenação dos caos, a relação que é a um tempo um mistério e um claro enigma, entre os volumes e as cores e as distâncias. Essa pintura, de um interior, com suas luzes econômicas, oferece, talvez, a chave do sentimento da cor em toda a obra do pintor. Aquela “émotion technique” que André Lhote queria encontrar no desenho do Degas, por exemplo, é a cor que a sofre e a exerce no trabalho de Sérgio Telles, resgatando para a “espresione riuscita” das coisas, dos lugares e das pessoas, a virtuosidade prodigiosa de seu desenho, que é um dom de Deus. Veja-se sua série de Porto Seguro, suas casas derelictas, seu mar, suas ruas.

A cor é seu negócio. Onde quer que a tenha encontrado, este pintor sabe levá-la na verdade do olho, como quando evoca em Tóquio as lavadeiras da Bahia, onde o branco elementar vai transfigurando, na luminosa face de Tóquio, todas as escalas cromáticas.

Um pintor fiel a sua própria visão do mundo, “um homem que pinta” — a definição que Paul Valéry queria para um pintor. Porque é ele quem se apodera de seus temas, e nos dá, miraculosamente, o sentimento do homem do trópico diante do próprio outono parisiense ou das longas noites do atelier de Moscou. O sentimento lírico e barroco do mundo, com o qual talvez nos venha a dar conhecimentos novamente inaugurais de objetos tão antigos como a muralha da China, ou esses crepúsculos violáceos que às vezes envolvem a lua de Pequim sobre as serras de Hebei.

Pequim, 1982, Moscou, 1983
Geraldo Mello Mourão

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão da Subsecretaria de Cultura/SEC, convida para o coquetel de abertura da mostra

SÉRGIO TELLES — UM HOMEM QUE PINTA

Abertura: dia 14 de junho, às 18h30min

Período de Exposição: 15/06 a 08/07/1984

Local: Galeria — 2º andar

Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Praça da Alfândega s/n.º

Porto Alegre/RS

